

Humor Separado

Hermínio Duarte-Ramos
Editor de *ELECTRICIDADE*

Dia 11 de Setembro do ano 2001. Em Nova Iorque e Washington o terrorismo global revelou a direcção do futuro desenvolvimento científico e tecnológico, que pressenti há cerca de uma década e anunciei (para lá dos muros da minha quinta aberta) como paradigma prioritário à entrada do século XXI: a engenharia de segurança. Andam uns entretidos com a purificação das leis, outros com a regeneração das éticas e ainda há aqueles que se consomem com a limpeza das metafísicas. Sem cuidar que existem, de facto, *big brothers* muito mais iguais que todos a nível planetário, consolidando a permanente dialéctica entre o bem e o mal. Também ao nível individual.

Surgiu, depois, o dia 13. Frente ao ecrã do computador, o meu olho direito colapsou. De repente, deixei de ver a globalização. Tudo se focou no isolamento da singularidade humana. Afinal, os grandes horizontes da liberdade são confinados pela Natureza. Que interesse tem deitar arranha-céus abaixo, atirando humanos contra humanos? Expliquem-me os proprietários do bem ou esclareçam-me os donos do mal. Que eu vos digo: neste fervilhar societal em que andamos envolvidos, muito pouco consigo entender.

Na consulta oftalmológica do hospital o exame foi claro: o humor vítreo descolou e colapsou (no dizer tradicional da terminologia francesa). A contra-prova do experiente (idoso) médico particular confirmou: humor separado (à inglesa). É claro que posso ver pior, pois tudo piorou no mundo (o ambiente, as relações humanas, etc). O que não aceito é que o meu humor se tenha separado ou descolado. Todavia, segui a recomendação: repouso total e de cabeça bem no ar. Fiquei reduzido ao cérebro. E os dias passaram, sempre a escrever com os neurónios. Também as conexões do acaso podem desmoronar arranha-céus de esperança e desfazer as construções dos nossos anseios em todos os dias. Ao mesmo tempo que se processam novas conexões e se erguem renovadas criatividades. Que a vida é um contínuo de descontinuidades.

O estudo da mente constitui agora o meu objectivo. Depois das ciências de engenharia, particularmente das teorias do controlo e decisão, a caminho dos espaços da complexidade, eis que

me solicitam participação no âmbito das ciências cognitivas, onde o rigor do método científico se esbate na imaginação inspirada dos que nada vêem e procuram a luz. Pontifica o cérebro neuronal, mas ao longe começa a brilhar o clarão discreto do cérebro quântico.

Entretanto, aí estão as criaturas darwinianas caracterizadas pela sobrevivência dos fenótipos mais favorecidos, que se reproduzem posteriormente em sucessivas gerações. Surge então o subconjunto de criaturas skinnerianas, cuja selecção natural se faz por reforço de uma entre várias respostas. Até chegar às criaturas popperianas, nas quais um meio interno antecipa as acções possíveis e toma a decisão seleccionadora, em vez de entregar a evolução ao puro acaso.

Estes três tipos de mentes denotam graus sucessivamente superiores de refinamento, que as podem levar ao bem ou ao mal. E coexistem na mesma sociedade, enquanto as transições não forem concluídas. Poder-se-á dizer que a tendência para a complexificação eliminará os resíduos mais simplificados, sem condições de resistência aos confrontos mais elaborados. É a sobrevivência dos mais fortes, os mais fortalecidos cerebralmente, ou seja, mentalmente.

A competição parece tecnológica, dado basear-se na posse dos melhores artefactos da tecnologia. Mas tal será no plano das aparências concretas. Mais além está a evolução mental, cada vez mais suportada pela evolução científica e tecnológica. A singela observação da história deixa perceber como os humanos evoluíram ao compasso do crescimento do cérebro, através da multiplicação das possibilidades de conexões neuronais, simultaneamente com a criação de meios tecnológicos cada vez mais poderosos em termos de energia e eficácia pela automação e controlo.

Desde há cerca de uma centena de anos, a electrotécnica tem contribuído para esse progresso de maneira impressionante. Hoje todo o mundo societal gira à custa da electricidade. A última grande contribuição foi dada pelo computador. A

extraordinária aceleração dos ritmos de actuação à distância e do controlo dessas mesmas actuações, após inúmeros benefícios básicos na qualidade de vida em sociedade (iluminação, conservação de alimentos, temperatura do ambiente, equipamentos médicos, etc.), deve-se à criteriosa utilização da energia eléctrica.

Em Portugal, a principal responsabilidade da produção, transporte e distribuição dessas alimentações energéticas reside no Grupo EDP. A actual liberalização dos mercados está a fomentar o aparecimento de novos protagonistas. Uma empresa de grande intervenção será a REN – Rede Eléctrica Nacional. Mas existem já outras produtoras da energia eléctrica com grande significado, como a Tejo Energia. Até estamos a viver numa época de forte incentivo à conversão eólica em electricidade. Vislumbra-se, portanto, um novo impulso no contexto electrotécnico.

É neste quadro de mutação que a revista *ELECTRICIDADE*, incompreensivelmente, parece estar a agonizar. Já só vê de um olho. Como se dizia na minha juventude, com um olho ao peito, ainda estrebucha, à procura de criaturas popperianas, mesmo skinnerianas ou até simplesmente darwinianas, que lhe prolonguem a vida. Todavia, o terrorismo global deita abaixo as mais altas construções culturais. À sua força bruta não resistem os budas de pedra milenária, quanto mais estas frágeis páginas impressas em poucas folhas de papel.

O cansaço é enorme, ao fim de muitos anos de espera e reclamação. O isolamento tem sido sufocante. Sobretudo o silêncio, a desconsideração, o desdém. O abandono completo não anima. O desprezo sem palavra chocas bastante. Mas continuarei, com dignidade, rejuvenescimento, nova mentalidade, outro financiamento.

Estou quase a acordar. Afinal, quem concorda comigo?

Foi neste pensamento interrogativo que pressenti uma nova aliança para sair do radicalismo que destroi as torres do nosso contentamento. Uma aliança com norte. **E**